

ACAFA

Nº 13 (2019-2020) On-line



GEODIVERSIDADE E OUTROS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS NA HERÁLDICA AUTÁRQUICA DO TERRITÓRIO DO GEOPARK NATURTEJO MUNDIAL DA UNESCO

Geodiversity and other identity features in the heraldy of municipalities and parishes of the territory of the Naturtejo UNESCO Global Geopark

Carlos Neto de Carvalho

Coordenador Científico do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO.
Serviço de Geologia do Município de Idanha-a-Nova.
Colaborador do Instituto D. Luiz – Universidade de Lisboa.
Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo

Palavras-chave Geodiversidade, Património Natural, Heráldica de Municípios e Freguesias, Geopark Naturtejo

Keywords Geodiversity, Natural Heritage, Heraldry of Municipalities and Parishes, Naturtejo Geopark

Vila Velha de Ródão, 2021

Resumo

É apresentada uma análise dos elementos patrimoniais presentes na heráldica autárquica das 66 freguesias que constituem os sete municípios do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO. 40,1% dos brasões de armas autárquicos apresentam elementos abióticos do património natural, sendo que dez freguesias e um concelho incluem, directa ou indirectamente, aspectos distintivos da geodiversidade nos seus símbolos heráldicos.

Abstract

An analysis of the heritage features presented in the heraldry of the 7 municipalities and 66 parishes constituting the territory of Naturtejo UNESCO Global Geopark is provided. 40,1% of the coat of arms represent abiotic elements of the natural heritage, and ten parishes and one municipality include, directly or indirectly, distinctive geodiversity features in their heraldry symbols.

Um breve enquadramento da Heráldica em Portugal

O estabelecimento de símbolos heráldicos de identidade data de um período muito recuado da nossa história. Os primeiros brasões cívicos estão documentados dos inícios do séc. XII. Desde essa altura, os municípios fizeram representar a sua autonomia em brasões de armas que os permitissem ser distinguidos dos demais em representações públicas, actos e documentos oficiais. A primeira tentativa formal e consistente de organização de um registo de heráldica municipal deve-se a Rodrigues Sampaio, que promoveu a publicação da Portaria de 26 de Agosto de 1881 da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino (Diário do Governo n.º 185 de 1 de Setembro de 1881), ordenando a apresentação no Cartório da Nobreza dos

diplomas dos brasões que usavam. Aquele mesmo diploma determinava que as corporações que usando de brasões não tivessem os devidos títulos os deveriam obter junto da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e proceder ao seu registo no referido cartório (Seixas, 2012).

Contudo, a regulamentação legal da heráldica ocorreu apenas a partir da década de 1930. Essas medidas de regularização assentam no despacho-circular de 14 de Abril de 1930 da Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior que obrigava as comissões administrativas das câmaras municipais a legalizar os brasões segundo o parecer da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Dornelas, 1930). No território do Geopark Naturtejo Mundial, que inclui os limites administrativos dos municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Nisa, Oleiros, Penamacor (partim), Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, o primeiro brasão municipal foi formalizado a 16 de Janeiro de 1934 (Proença-a-Nova), seguindo-se os municípios de Idanha-a-Nova (1935), de Castelo Branco (1936), de Oleiros (1940), de Vila Velha de Ródão (1985), de Penamacor (1986) e de Nisa (1988).

Durante este período de tempo, este processo foi decisivamente influenciado por Afonso de Dornelas, que ocupou lugar de destaque na elaboração dos pareceres da Associação dos Arqueólogos Portugueses. A partir desta, Afonso de Dornelas influenciou a elaboração da heráldica de cada um dos municípios (Sameiro, 1986). A intervenção de Afonso de Dornelas foi muitas vezes dominante tanto na ordenação como na estrutura geral da heráldica produzida para as autarquias, a qual adoptou em boa parte os motivos que ele considerava característicos de cada região. A sua intervenção foi também determinante em matérias de natureza técnica, tais como na imposição da simetria e da estética de estilizar as figuras, as quais ficaram ao gosto da arte heráldica por ele cultivado. Se existem brasões municipais que mantiveram a estrutura identitária de séculos, casos dos municípios de Castelo Branco ou de Nisa, um número significativo de brasões municipais portugueses foi influenciado, directa ou indirectamente, pela decisão e gostos pessoais de Afonso de Dornelas, não representando necessariamente a identidade

estabelecida a nível local e, assim e em parte, contradizendo o trabalho referencial de Silva (2019).

O símbolos autárquicos encontram-se presentemente regulados pela Lei n.º 53/91, de 7 de agosto, que veio actualizar a regulamentação da heráldica autárquica e das pessoas colectivas de utilidade pública administrativa. Esta lei manteve no essencial as regras estabelecidas pelo despacho-circular de 1930, mas permitiu expressamente o direito ao uso de símbolos heráldicos pelas freguesias, entre outras entidades de utilizada pública administrativa. Ao nível das freguesias, esta lei veio, ainda que sob influência da estrutura da heráldica definida por Afonso Dornelas (simplicidade, univocidade, genuinidade, estilização, proporção e iluminura), permitir a decisão local sobre os símbolos identitários a representar nos brasões. Estes voltaram a ser símbolos de autonomia administrativa de identificação local. Cerca de 90% das 3092 freguesias actualmente existentes em Portugal possuem brasões. No entanto, as alterações resultantes da reorganização administrativa do território das freguesias em 2013 levaram a que as uniões de freguesias, assim como freguesias que não tinham até então formalizado a sua heráldica, optem cada vez mais por logotipos não regulamentados por lei que, no entanto, não deixam de ser excelentes símbolos de marketing territorial (Figura 1).

Entre os elementos que constituem a heráldica autárquica contam-se ícones patrimoniais que pretendem estabelecer a identidade própria de cada comunidade. Estes elementos patrimoniais incluem património arquitectónico, símbolos religiosos e mitológicos (incluindo representações de lendas locais), actividades económicas tradicionais, elementos astronómicos, mas também símbolos da biodiversidade e da produtividade agrícola e referenciais paisagísticos com elementos identitários da geodiversidade local (veja-se Silva, 2019). Assim, e no que diz respeito aos elementos do património natural e histórico-cultural, a sua importância para as comunidades locais tem uma medida indirecta na representatividade que estes ostentam na heráldica das freguesias, sobretudo porque a sua maioria foi estabelecida por decisão local a partir da Lei de 1991.



Figura 1. Novo logotipo da União de Freguesias de Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e São Simão, incorporando os principais símbolos heráldicos dos brasões de armas formalizados para estas antigas freguesias (Anta de S. Gens, Porta da Vila e Penouco de S. Miguel), mas com uma abordagem de promoção do território, que inclui os meandros da Ribeira de Nisa e os percursos pedestres (veja-se ainda Figura 12).

Representações patrimoniais na Heráldica autárquica do território do Geopark Naturtejo

O presente trabalho apresenta uma análise sumária da heráldica autárquica formalizada para o território do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO. Esta vasta região, com 5067 km² de área é constituída pelas áreas administrativas de sete concelhos, que congregam 66 freguesias e uniões de freguesias após a reorganização administrativa do território da freguesias determinada pela Lei n.º 11-

A/2013, de 28 de Janeiro. No entanto, esta análise da heráldica autárquica é assumida para todos os brasões de municípios e freguesias formalizados, num total de 92. A formalização dos brasões das freguesias iniciou-se no território em 1995 com Meimão e tem vindo a desenvolver-se, sendo que a última freguesia a oficializar o seu brasão foi Santana, em 2015. Existem actualmente quatro freguesias sem brasão, três das quais no concelho de Oleiros (Isna, Madeirã, Orvalho) e uma no concelho de Castelo Branco (Salgueiro do Campo). Os brasões normalmente possuem mais do que uma representação simbólica. Neste trabalho incluímos apenas representações patrimoniais centrais, não fazendo menção a motivos mais abstractos, tais como as cores utilizadas nos brasões, besantes, ou símbolos astronómicos, de justiça, chaves, ou religiosos, como flores vermelhas, coroas e a pomba do espírito santo, ou ainda referências a batalhas, através da presença de gládios ou alfanges.

O elemento patrimonial mais recorrente na heráldica autárquica do território do Geopark Naturtejo integra-se na biodiversidade, semelhante ao que acontece em outras regiões do país (Estácio, 2001; Silva, 2019). Tal não é de estranhar num território assumidamente rural. A oliveira, sob a forma de árvore de tronco ou frutos dourados, ou como símbolo religioso, tem um carácter preponderante, ocorrendo em 31 brasões autárquicos, o que traduz a sua boa representatividade na generalidade do território do Geopark Naturtejo. No brasão da freguesia de Montes da Senhora, a magnífica oliveira centenária classificada como Monumento Vivo de Interesse Público é central (Figura 2). Outra espécie característica da paisagem mediterrânica é o sobreiro, cuja importância económica é realçada na heráldica local pelos troncos descortiçados e pela bolota, apresentados em nove brasões. Encontrando-se em parte na área do Pinhal Interior Sul, o pinheiro está presente, por vezes com ou sob a forma de pinhas douradas, em sete brasões, sobretudo nas freguesias dos concelhos de Oleiros e de Proença-a-Nova. Espécies botânicas autóctones silvestres, associadas à toponímia ou a importantes lugares religiosos, abundantes ou outrora mais presentes, estão representadas pelo medronheiro, pela silva e pelo loureiro (Louriçal do Campo e Lardosa), assim como pelo junco (Juncal do Campo), pelo freixo (Freixial do Campo), pelo rosmaninho (Rosmaninhal), pelo

malmequer e pela murta (Idanha-a-Nova). As espécies hortícolas e frutícolas de referência, como a cebola, o feijão-frade (Lardosa), as castanhas (Oleiros), a pereira e a figueira, mas também produções agrícolas que tiveram relevância em tempos, como o trigo e o linho. As presenças de uvas em apenas dois brasões testemunha a pouca importância que a produção de vinho teve na região (Aldeia do Bispo e Tinalhas). Os cravos representados no brasão de Escalos de Cima estão intimamente associados ao bordado de Castelo Branco, que ainda tem expressão actual no número de bordadeiras existentes nesta aldeia.



Figura 2. Brasão da freguesia de Montes da Senhora (Proença-a-Nova) representando a oliveira com mais de 400 anos de idade que se encontra no adro da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Pópulo e que se encontra protegida.

No que diz respeito à fauna autóctone, esta está representada em 16 brasões, como expressão toponímica (Ninho do Açor), associada a culto religioso (os corvos de S. Vicente da Beira), ou a actividade cinegética ou pesca de relevância (corça, javali, perdiz, trutas e outros peixes), assim como apicultura (Cambas e Santo André das Tojeiras). A avifauna, que tão diversa é na região, faz-se representar pela andorinha, gralha, corvo, açor, cuco, felosa e perdiz. De salientar ainda a presença na heráldica do lobo, entretanto extinto na região (Toulões), e de um caso de um elemento faunístico mitológico (o dragão alado de Mata). No que diz respeito à actividade de pecuária e de produtos associados, caso do queijo, a ovelha que

tanta importância revela na região da raia está representada em cinco brasões (Tolosa, Alcains, Escalos de Baixo, Juncal do Campo e Proença-a-Nova), a cabra em dois brasões (Salvador e Benquerenças) e o porco em um (Alpalhão).

No que se refere às indústrias tradicionais existem símbolos em 19 brasões. Já se fez referência à flor do linho, mas também ocorrem as ferramentas da sua transformação, assim como de outra produção têxtil, casos da fiadeira e da roda de fiar (Aranhas, Pedrógão de São Pedro), bem como da roda dentada e da lançadeira, testemunhos da industrialização dos lanifícios em Cebolais de Cima e Retaxo, respectivamente, hoje constituindo uma união de freguesias. A indústria da moagem (de cereais ou azeitona) está representada em seis brasões, sob a forma de moinho de vento (Póvoa de Rio de Moinhos), azenhas, rodízio ou rodas de lagar. A indústria silvícola está representada em três brasões. A actividade agrícola está representada também sob a forma do arado (Benquerença) ou da conjugação do ancinho com a enxada (Bemposta). A pesca e a barca de passagem, actividades económicas quase extintas no território, podem ser encontrados nos brasões de Santana e de Perais, respectivamente. A indústria apícola é ainda representada pelo tradicional cortiço, no brasão do Rosmanihal. Por fim, e relacionado indirectamente com a geodiversidade do território do Geopark Naturtejo, salienta-se as ferramentas do canteiro patentes no brasão de Alcains e o gasómetro de mineiro presente no brasão de Salvaterra do Extremo, símbolos de uma actividade extractiva (granito e chumbo, respectivamente) pretérita mas com uma longa história ainda não esquecida (Figura 3).

Já o património cultural encontra-se na heráldica deste território sob a forma de elementos culturais simbólicos, assim como de monumentos históricos ou arqueológicos e símbolos de referência a antigas ordens religiosas. Particular referência para a música, cujos instrumentos são elemento central em quatro brasões, incluindo instrumentos tradicionais, casos do bombo (Almaceda) e do adufe (Idanha-a-Nova), mas também a representação da lira (Aldeia de João Pires e Tinalhas), pela antiguidade secular das suas bandas filarmónicas.

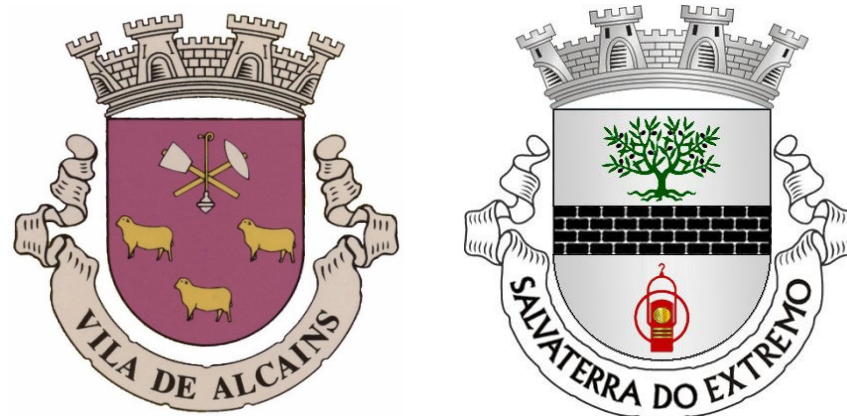


Figura 3. Brasões de armas de Alcains e da antiga freguesia de Salvaterra do Extremo, ostentando ferramentas da transformação de granitos e de exploração mineira, respectivamente, testemunhos de uma economia local assente nos seus recursos geológicos ao longo de séculos.

Os símbolos de religiosidade católica são abundantes na heráldica local, sob as mais diversas formas. Vale a pena referir, pela sua persistência, os símbolos de antigas ordens religioso-militares que governaram este território desde os alvares da nacionalidade e por largos séculos. São 31 os brasões municipais e de freguesias que ostentam cruces de ordens religiosas, predominando a Ordem de Cristo (12), que herdou territórios da Ordem do Templo (9), mas também a Ordem de Malta (7) e a Ordem de São Bento de Avis (3). Os monumentos históricos, quase sempre associados à defesa militar e à presença secular da Igreja, encontram-se presentes em 27 brasões. Castelos, torres e muralhas fazem parte de 14 brasões municipais e de freguesias, com particular simbolismo etnográfico o de Monsanto com a Torre de Lucano encimada pelo Galo de Prata, atribuição ganha no concurso da “Aldeia mais Portuguesa” em 1938, campanários de igreja ocorrem em outros quatro. A importância de chafarizes monumentais estão representados em três brasões (Escala de Baixo, Ladoeiro e Arês), pontes em dois e o pelourinho, como símbolo de autonomia municipal entretanto perdida, em um (Zebreira). A cruz latina com relicário contendo fragmento do Santo Lenho o qual, segundo a lenda foi trazido para a Igreja Matriz por Pedro da Fonseca, é o principal símbolo patrimonial da freguesia de Proença-a-Nova. A introdução de elementos arqueológicos na

heráldica local faz-se em sete brasões. Eles representam fundamentalmente a importância que o período Romano teve no território (muralha de Idanha-a-Velha, a qual é monumento nacional, assim como a ponte romana de Meimoa, e ainda os capitéis coríntios de Mosteiro ou a fuste de coluna de Lousa), mas também relevantes monumentos pré-históricos, como são o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Fratel) e a Anta de São Gens, classificada como Monumento Nacional (Espírito Santo; Figura 4).

Os elementos abióticos da paisagem são preponderantes como descritores geográficos simbólicos. Em muitos casos ganham relevância geocultural pois determinam a forma como as comunidades evoluíram culturalmente no espaço físico (Silva, 2019). Num território classificado pela UNESCO pela relevância internacional da sua geodiversidade, os elementos referenciais considerados património são formas tangíveis de aproximar a opinião pública ao necessário processo de geoconservação e valorização.



Figura 4. Anta de S. Gens, património arqueológico de relevância nacional patente nas armas da antiga freguesia de Espírito Santo.

Na heráldica autárquica do território do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO vamos encontrar uma representação significativa de elementos abióticos da paisagem que ocorre em 40,1 % dos brasões municipais e de freguesias, num total de 38. Desde logo, destacam-se os cursos fluviais como principal referencial da

paisagem abiótica, representados por ondedos azuis e prata em 26 brasões. Um número muito significativo de freguesias e concelhos localizados próximos dos grandes rios da região, o Tejo e os seus afluentes, sobretudo o Ocreza, o Erges, o Zêzere e o Ponsul, afirmam esta relação geográfica e cultural na sua heráldica (Figura 5). Os outeiros rochosos, montes, encostas e vales ocorrem em oito brasões, mas mais raramente ocupam uma posição central. Depois de termos apresentado os brasões de Alcains e da antiga freguesia de Salvaterra do Extremo como representações indirectas de recursos geológicos, iremos debruçarmo-nos sobre nove representações da geodiversidade, as quais são identitárias do Geopark Naturtejo.



Figura 5. Brasão de armas da freguesia de Malpica do Tejo, tendo como elemento central o Rio Tejo no seu troço internacional; fotografia de Jesus Salazar.

Geodiversidade na heráldica autárquica do território do Geopark Naturtejo

A mais importante representação do património geológico de relevância internacional do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO encontra-se no brasão de armas da freguesia de Vila Velha de Ródão. Trata-se das Portas de Ródão, hoje Monumento Natural nacional (Figura 6). Este verdadeiro marco na paisagem

regional evoluiu com a transformação do Rio Tejo no rio com vale encaixado que conhecemos hoje.

As suas escarpas contam a história natural do rio maior da Península Ibérica. Os mistérios do Tejo condensam-se e desvendam-se no Ródão. O rio já foi outro, um rio sem vale, um rio que nem sempre foi suficiente para chegar ao oceano, que há mais de 4 milhões de anos se entrelaçava numa extensa planície aluvial de mais de 20 km de largura. Não é difícil encontrar evidências desse rio antes do Tejo presente: os retalhos planálticos que se estendem de Montalvão a Ponte de Sor, hoje a mais de 300 metros de altitude, têm a sua assinatura sedimentar. Uma escadaria de seis terraços fluviais expressa as vontades paleoclimáticas e tectónicas do rio no último milhão de anos. Mas porquê no Ródão e não em outro sítio?



Figura 6. O brasão da freguesia de Vila Velha de Ródão representando um dos mais belos geomonumentos do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO, as Portas de Ródão. Foto de Jesus Salazar.

A Serra das Talhadas sempre foi a barreira permeável que permitiu ao Tejo crescer na sua capacidade de escavar o seu leito. Durante os picos regressivos, quando o nível do Atlântico chegou a atingir mais de 100 metros abaixo do actual, o Tejo naturalmente ia mais longe, constituindo aquilo que é hoje o canhão submarino de Lisboa. Nestas fases, o rio rejuvenescia e aumentava a sua capacidade de

aprofundar o vale a montante. No gigantesco obstáculo da Serra das Talhadas, feito de uma das rochas mais duras havia, no entanto, um único ponto de fraqueza. Onde as águas se avolumavam na depressão de Ródão, existe uma falha perpendicular aos flancos quartzíticos. No entanto, aqui cruzam-se três falhas paralelas e contemporâneas, que delimitam por escarpa vertical a montanha quartzítica. No conjunto, a intersecção de tão grande número de importantes falhas, umas há muito inactivas outras reactivadas há bem pouco, permitiu que o Tejo esculpisse tão triunfal pórtico. Deste modo, Vila Velha de Ródão cresceu protegida pelo colossal pórtico montanhoso, tendo o Rio Tejo a seus pés.

Dois outros símbolos heráldicos mostram rios que rasgam as vertentes onde as localidades se implantam, constituindo mais dois geomonumentos do Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO. No caso do brasão concelhio de Idanha-a-Nova é o Rio Ponsul controlado pelo movimento de falha, que dá origem à escarpa encimada pelo castelo de origem templária. O mesmo acontece em Segura, onde o Rio Erges é capturado por falha e desenvolve uma garganta epigénica, entre as que constituem os Canhões Fluviais do Rio Erges (Figura 7).

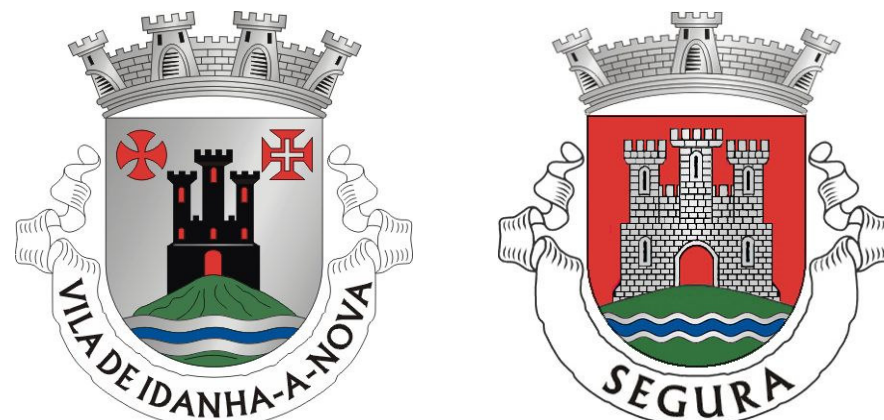


Figura 7. Heráldica autárquica do concelho de Idanha-a-Nova e da antiga freguesia de Segura, com a identificação das gargantas fluviais epigénicas.

Idanha-a-Nova, airosa, alva, debruça-se à varanda da grande escarpa do Ponsul. São 150 m de uma parede vertical granítica que separa a altura do castelo

templário da pequena garganta do Rio Ponsul. Para além deste e depois da Rosa Cometa, a campina da Idanha, vasta, plana, descaída para o rio. Este é sem dúvida, um dos melhores locais em Portugal para “observar” o movimento de uma importante falha activa. Apesar do período de recorrência do sismo máximo estar calculado em milhares de anos, e de nunca se ter sentido um sismo com epicentro aqui, a Falha do Ponsul impressiona na Idanha, transporta granitos para cima de terra barrenta na Senhora da Graça, constitui um gigantesco degrau na paisagem raiana, separando a peneplanície do Alto Alentejo da plataforma de Castelo Branco (Figura 8).



Figura 8. Escarpa de Falha do Ponsul, com o rio que lhe dá nome a romper o bloco rebaixado e a vila de Idanha-a-Nova implantada no bordo levantado. Foto de Jesus Salazar.

Segura arranca-se das fragas do Erges, o último rio selvagem de Portugal. O povoado revela-se em cascata descendo a escarpa granítica que é responsável

pela profunda garganta do rio. Para além do moinho das Freiras, o substrato torna-se xistento e o vale reduz-se mas nunca perde a beleza selvagem, de águas revoltas no inverno e bosques escarpados de azinheiras, marcada pela proximidade do grande Tejo. A paisagem é plana de montados para cair para as profundezas misteriosas do rio-fronteira. As Fragas são disso exemplo: garganta epigénica moldada pelas águas, de grandes “cantchais” graníticos que servem de pouso para numerosos grifos e abutres-do-Egipto, este cotovelo no rio gerado pela Falha de Segura revela o “tecto” da câmara magmática onde o Granito de Segura cristalizou (Figura 9).



Figura 9. Canhão fluvial de Segura.

Das povoações estão unidas pelo nome e pelo elemento central dos seus braços. São elas Samadas de São Simão, em Oleiros, e São Simão, em Nisa (Figura 10). Talvez não seja isto um acaso. Samadas de São Simão aninha-se na

base da Serra do Muradal e Pé da Serra protege-se com o Penouco de São Miguel. Estes dois relevos constituem cristas quartzíticas escarpadas, montanhas ditas “Apalachianas” por se destacarem abruptas das áreas envolventes, que nestas povoações têm a sua terminação. As duas povoações ocupam a terminação sul dos respectivos alinhamentos montanhosos.

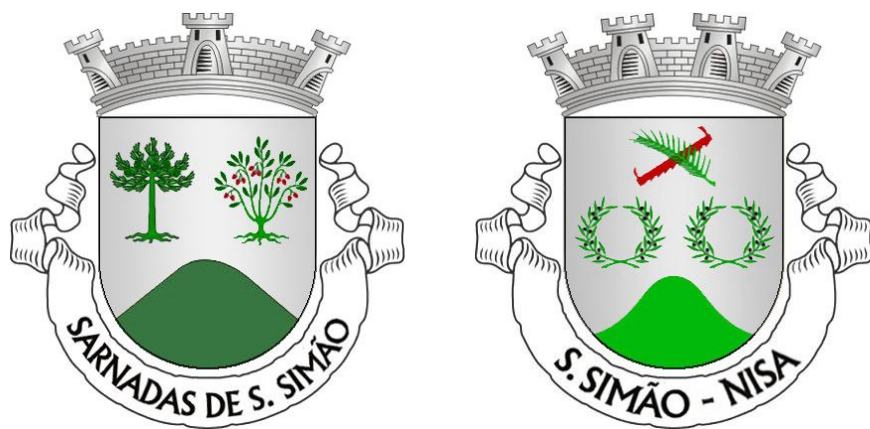


Figura 10. Brasões de armas representando relevos “Apalachianos.”

A Serra do Muradal ergue-se 300 m acima dos cabeços xistentos boleados pela densa drenagem do Ribeiro da Silvosa. Do Pé da Serra (este outro), na margem da Ribeira da Magueija, aos cumes mais encrespados deste serro somam-se mais de meio de quilómetro (561 m, para ser preciso), de uma subida difícil pelas veredas que se oferecem aos matos densos. Mas, chegando ao cimo, vale mesmo a pena! Três áreas se destacam das alturas: Zebro (868 m), Cardal (860 m) e Picoto (837 m). A cumeada, alterosa mas manifestamente regular, permanece entre os 759 m no Portêlo e os 899 m não longe da Sarzedinha até cair para o profundo vale da Ribeira das Casas da Zebreira, já para Norte. Nesta magra cumeira, nas superfícies das camadas que se elevam nuas e desafiantes na vertigem de mais de 50 m verticais, e por quilómetros de extensão, a magnífica montanha ostenta, sem preconceito nem arrogância, a dança diária de milhões de organismos que desenharam uma vida há quase 500 milhões de anos, nas areias desta Praia que foi o Muradal. De resto, e se estes vestígios de vida do passado atingem aqui

dimensões épicas nunca vistas pela comunidade científica, é bem visível como a dança de uma tectónica distante mas temperamental jogou com as montanhas como se foram pequenas peças de um jogo, afastando o Cardal para Leste, quando da Penha Alta se seguia direitinho para o Picoto (Figura 11). Esses cisalhamentos marcam os “portêlos” na enorme crista e são responsáveis, em última análise, pelo escape das águas que se avolumam nas profundezas deste enorme reservatório, dando origem ao povoamento em torno do Muradal.



Figura 11. Serra do Muradal, vista do Picoto, a terminação sul do Sinclinal de Muradal-Fajão, com Sarnadas de São Simão na sombra. Foto de Jesus Salazar.

São Simão envolve e protege-se na Serra de São Miguel que, vista, de sul, assemelha-se a um vulcão adormecido no fundo do qual se aninha o Pé da Serra. É o Penouco (ou também Picoto, como por estas paragens se designa a terminação de uma montanha quartzítica escarpada e alinhada como uma imensa muralha na paisagem. Seguindo-a para Noroeste, por uma cumeada muito plana por onde já andou um Tejo há mais de 3 milhões de anos, vamos encontrar o impressionante rasgão que são as Portas de Ródão, no actual vale do grande rio. Esta é então a terminação periclinal do grande sinclinal de Ródão, que se desdobra

em dois flancos montanhosos apenas a norte da Portela do Atalho. A Serra de São Miguel, testemunho de um oceano passado com quase 500 milhões de anos, é dominada em alguns pontos pelas camadas quartzíticas de origem marinha, com alguns fósseis encontrados no passado pelo grande geólogo e paleontólogo português, Nery Delgado. Poder-se-á dizer que a riqueza desta serra são as paisagens e a água que brota das profundezas dos quartzitos fracturados. Da água, vale a pena referir o manancial da Galiana, próximo de Vinagra, o outro lugar da antiga freguesia de São Simão, que já abasteceu todo o concelho de Nisa. Das paisagens existem vários miradouros ao longo da cumeada, geossítios do Geopark Naturtejo, que atestam a transição repentina entre o plano granítico de Nisa e os xistos profundamente retalhados pela Ribeira de Nisa, que corre na direcção do Tejo. Começando no Penouco de São Miguel, a descoberta faz-se pelo percurso pedestre que parte do Pé da Serra e a sobe. Depois, vamos encontrar os miradouros da serra, que permitem olhar a ocidente o interessante vale da Ribeira de Nisa (Figura 12).



Figura 12. O Penouco de São Miguel, na terminação sul do Sinclinal de Ródão, tendo na sua base o Pé da Serra, cabeça da antiga freguesia de São Simão, hoje parte da União das Freguesias de Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e São Simão. Foto de Jesus Salazar.

A montanha, com outra configuração pela sua natureza granítica, é também elemento central do brasão de Louriçal do Campo. Neste caso, e pela importância das nascentes do Rio Ocreza, a Serra da Gardunha aparece associada ao ondedado simbólico, no seu sopé (Figura 13).



Figura 13. Louriçal do Campo, entre a Serra da Gardunha e o plano do Rio Ocreza (albufeira de Santa Águeda).

“Se as serras graníticas, pela variedade de formas sobrepõem às outras de natureza e constituição geológica diferente, a da Gardunha, então, parece caprichar em se mostrar neste ponto extravagante e original mais que as outras. Além de rochas vivas, com que em lajedos e escalões se nos apresentam, completamente desnudadas, sobretudo em sítios abruptos e grandes pendores, encontram-se essas marcas formando canchais, infestos, alcantis, morros ou cabeços, penhascos, penhas e picotos; bem como inúmeras penedias e fragas de mil formas e tamanhos dispersas por toda a serra.” Assim descrevia o jesuíta M. Martins, em 1910, a grande riqueza geomorfológica da Serra da Gardunha na prestigiada revista científica Brotéria, que nasceu no Colégio de São Fiel, em Louriçal do Campo. Descobrem-se na Paisagem Protegida Regional da Serra da Gardunha, e Sítio Rede Natura, magníficas penedias protegidas por lei, como a intrigante bola com fissuração poligonal ou o bloco fendido, ou outros já reconhecidos pelos jesuítas, como a Pedra Sobreposta ou o Cabeço do Frade. Nas Faldas da Serra, entre o Rio Ocreza e a Ribeira da Água D’Alto, são

particularmente evidentes o processo de denudação de uma frente de meteorização que desenvolve um caos de blocos com as mais diversas formas. Vale a pena escalar o Castelo Velho, nos seus 1051 m de altitude, para entender que a intensa actividade tectónica que marcou decisivamente estes granitos durante o Varisco, condiciona a exposição das formas graníticas. Em todo o redor, diversas morfologias graníticas fazem do Castelo Velho um Geomonumento do Geopark Naturtejo património UNESCO.

Duas antigas freguesias tiveram na sua origem, ou como principal herança, a existência de nascentes termais. E esta referência é central no brasão de Monfortinho e único no de Águas (Figura 14). Entre cristas quartzíticas separadas pela Falha do Ponsul há centenas de milhões de anos, o Rio Erges projecta-se por entre o duro quartzito, em voltas que acabam por determinar os planos de Monfortinho. Neste preciso local, localiza-se o mais importante recurso geológico da região, a Fonte Santa de Monfortinho. Na realidade, são 14 nascentes no sopé do Picoto, de águas emergentes em largo volume e a temperaturas de quase 30° C. A reconhecida importância deste oásis hidrobioclimático remonta à Idade do Bronze, quando terão existido dois povoados a proteger o vale, aqui e no vizinho Canchos de Morero. Também os Romanos estiveram aqui pelas águas, mas sobretudo pelo ouro associado aos depósitos vermelhos cenozóicos. A exploração de ouro foi tentada nas Veigas de Monfortinho até aos anos oitenta, deixando marcas ao longo de 5 km da frente ribeirinha, bem como uma tonelada de ouro por explorar. Assim, não será excessivo dizer que o Balneário Termal datado de 1940, e subsequentemente os hotéis e os bairros que vieram com o turismo, foram construídos em cima de uma mina de ouro. No entanto, a opção de explorar tão importante recurso hidrogeológico impos-se pela sua sustentabilidade a longo prazo, transformando as Termas de Monfortinho num dos principais centros termais do país.

Ao contrário das origens quartzíticas das Termas de Monfortinho, Águas é terra de granitos! Ainda assim, as suas nascentes também ganharam fama de “santas”. Ao atravessar o granito de Monsanto-Penamacor as águas enriquecem-se em sais

dissolvidos, tornam-se sulfurosas, bicarbonatadas sódicas, e chegam à superfície no local perfeito, feito de planura imensa e de silêncio natural. Constitui-se assim importante património hidrogeológico, integrando nesta categoria o Património Geológico do Geopark Naturtejo designado pela UNESCO. Estas águas já eram afamadas em tempos do Marquês de Pombal, o topónimo não é mero acaso. No local onde brotam foi construída uma unidade termal que acompanha na alvura a luz que preenche o plano.



Figura 14. Brasões de armas de Monfortinho e de Águas, povoações com uma relação genética com águas minerais que são aproveitadas há centenas de anos.

O último superlativo elemento da geodiversidade a referir no Geopark Naturtejo Mundial da UNESCO regressa à área do Monumento Natural das Portas de Ródão. Na freguesia de Santana encontram-se representadas as pilhas de seixos de

terraço fluvial do Rio Tejo acumuladas durante a exploração mineira com origem romana que transformou para sempre a paisagem desta região (Figura 15).

De fundo muito plano e largo, as vertentes erguem-se por falha delimitando os blocos da Serrinha, a oeste, e de São Miguel, a leste, respectivamente. O graben do Arneiro-Vilas Ruivas é, pois, um elemento central na paisagem tão particular de Santana. Da sua existência e do cruzamento de falhas, umas antigas de 300 milhões de anos, outras entretanto reactivadas até tempos presentes, foram construídas as Portas de Ródão para um Tejo que por aqui se escapa na direcção do Atlântico há, pelo menos, quase três milhões de anos. Ao longo de milhares de anos, o Tejo atravessou a custo as Portas de Ródão, para logo a seguir se espriar no graben do Arneiro, depositando grandes volumes de sedimentos. Nestes terraços fluviais, o Homem do Paleolítico Médio deixou raras marcas do seu modo de vida. Muito tempo depois, as terras arenosas que deram o nome ao Arneiro foram revolvidas pelo Império Romano em busca de ouro, transformando radicalmente a paisagem para aquilo que vemos hoje. O Conhal do Arneiro, atingindo uma extensão de 90 ha, é um modelo de exploração mineira de jazigos secundários de ouro no período romano, com características ímpares em Portugal. Extensos amontoados de seixos do rio marcam a paisagem, como grandes ondas petrificadas de um rio que há muito já por aqui não corre, nem nos seus períodos mais dramáticos de cheia (Figura 15). As frentes de exploração talhadas nos sedimentos detríticos ainda se apresentam frescas, com as cicatrizes deixadas pelo método de exploração com recurso a grandes volumes de água. Também as lagoas de decantação de materiais mais finos ainda armazenam água, na retaguarda dos canais de evacuação de estéreis que se abrem para o Tejo.

Agradecimentos

Um agradecimento a Sérgio Horta (Wiki Commons) pela possibilidade de representação dos brasões de armas autárquicos.



Figura 15. A paisagem mineira romana do Conhal do Arneiro, com os seus elementos fundamentais representados, desde as pilhas de estéreis às tão desejadas pepitas de ouro, no brasão da freguesia de Santana. Foto de Jesus Salazar.

Bibliografia

- Dornelas, A. (1930) - *Heráldica de Domínio - Oranização oficial. Elucidario Nobiliarchico*", II, n.º 9.
- Estácio, A. J. E. (2001) – *As Árvores nos Brasões Municipais*. Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, 124 pp.
- Sameiro, P. (1986) - *A Heráldica Autárquica em Portugal*. Almançor - Revista de Cultura, 4, 77-117.
- Seixas, M. M. de (2012) - *A heráldica em Portugal no século XIX: sob o signo da renovação*. *Análise Social*, 202, vol. XLVII (1.º), 56-91.
- Silva, C. M. da (2019) – *Geodiversity and sense of place: local identity in Portuguese municipal heraldy*. *Geoheritage*, 11, 949-960.